Preliminares acerca dos Conselhos Operários e Organização Conselhista

René Riésel

1969

"*O Governo Operário e Camponês decretou que Kronstadt e os navios rebeldes devem submeter-se imediatamente à autoridade da República Soviética. Ordeno, portanto, a todos os que se revoltaram contra a pátria socialista que deponham as armas imediatamente. Os rebeldes devem ser desarmados e entregues às autoridades soviéticas. Os comissários e outros membros do governo que foram presos devem ser libertados imediatamente. Somente aqueles que se rendem incondicionalmente podem esperar misericórdia da República Soviética. Ao mesmo tempo, dou ordens para preparar a supressão da rebelião e a subjugação dos marinheiros pela força armada. Toda a responsabilidade pelos danos que possam ser sofridos pela população pacífica recairá inteiramente sobre as cabeças dos amotinados da Guarda Branca. Este é o aviso final.*" (Trotsky e Kamenev, Ultimato para Kronstadt)

"*Só temos uma resposta para tudo isso:* ***Todo o poder aos sovietes!*** *Tirem suas mãos deles — suas mãos que estão vermelhas com o sangue dos mártires da liberdade que lutaram contra os Guardas Brancos, os proprietários de terras e a burguesia!*" (Kronstadt Izvestia #6) [1]

Durante os cinquenta anos desde que os leninistas reduziram o comunismo à eletrificação, desde que a contra-revolução bolchevique ergueu o Estado soviético sobre o cadáver do poder dos sovietes, e desde que "soviete" deixou de significar conselho, as revoluções continuaram a lançar a exigência de Kronstadt na cara dos governantes do Kremlin: "*Todo o poder aos sovietes e não aos partidos*". A notável persistência da tendência real para os conselhos operários ao longo deste meio século de esforços e supressões repetidas do movimento proletário moderno impõe agora os conselhos à nova corrente revolucionária como a única forma de **ditadura anti-estatal do proletariado**, como o único tribunal que será capaz de julgar o velho mundo e executar a sentença ele mesmo.

A essência dos conselhos deve ser delineada com mais precisão, não apenas refutando as grosseiras falsificações propagadas pela social-democracia, pela burocracia russa, pelo Titoísmo e mesmo pelo Ben-bellaísmo, mas sobretudo reconhecendo as insuficiências das experiências práticas incipientes do poder dos conselhos que apareceram apenas brevemente até agora; bem como, claro, as insuficiências nas próprias concepções dos revolucionários conselhistas. A tendência definitiva dos conselhos aparece negativamente nos limites e nas ilusões que marcaram as suas primeiras manifestações e que causaram a sua derrota, tanto quanto a luta imediata e intransigente que é naturalmente travada contra eles pela classe dominante. O propósito da forma conselho é a unificação prática dos proletários no processo de apropriação dos meios materiais e intelectuais para mudar todas as condições existentes e torná-los os senhores de sua própria história. Pode e deve ser a organização em atos de consciência histórica. Mas, na verdade, ainda não conseguiu em parte alguma superar a separação incorporada nas organizações políticas especializadas e nas formas de falsa consciência ideológica que elas produzem e defendem. Além disso, embora seja bastante natural que os conselhos que foram os principais agentes de situações revolucionárias tenham sido geralmente conselhos de delegados, uma vez que são esses conselhos que coordenam e federam as decisões dos conselhos locais, parece, no entanto, que as assembleias gerais dos operários foram quase sempre considerados meras assembleias de eleitores, de modo que o primeiro nível do "conselho" está situado acima deles. Aqui já reside um elemento de separação, que só pode ser superado tratando as assembleias gerais locais de todos os proletários em revolução como os conselhos últimos e fundamentais, dos quais qualquer delegação deve derivar o seu poder.

Deixando de lado os traços *pré-conselhistas* da Comuna de Paris que tanto deixaram Marx entusiasmado ("A forma política enfim descoberta pelo qual a emancipação politica do trabalho pode ser realizada") — características que, aliás, podem ser vistas mais na organização do Comitê Central da Guarda Nacional, que era composto por delegados do proletariado parisiense em armas, do que na Comuna eleita — o famoso "Soviete de Deputados Operários de São Petersburgo". foi a primeira manifestação inexperiente de uma organização do proletariado numa situação revolucionária. Segundo os números fornecidos por Trotsky no seu livro de 1905, 200.000 trabalhadores enviaram os seus delegados ao Soviete de São Petersburgo; mas a sua influência estendeu-se muito além da sua área imediata, com muitos outros conselhos na Rússia inspirando-se nas suas deliberações e decisões. Agrupou diretamente

[1] Krondstadt: Em Março de 1921, os marinheiros de Kronstadt, que estiveram entre os participantes mais fervorosos da revolução de 1917, revoltaram-se contra o governo bolchevique, apelando a um poder genuíno dos sovietes (conselhos populares democráticos) em oposição ao domínio do estado "Soviético". Denunciados como reacionários, foram esmagados pelo Exército Vermelho sob a liderança de Trotsky. Veja *A Comuna de Kronstadt*, de Ida Mett, *Kronstadt*, 1921, de Paul Avrich, *ou Kronstadt* 1917–1921, de Israel Getzler: *The Fate of a Soviet Democracy.*

os trabalhadores de mais de 150 empresas, além de acolher representantes de 16 sindicatos que a ele aderiram Seu primeiro núcleo foi formado em 13 de outubro; no dia 17, o Soviete tinha estabelecido um Comitê Executivo sobre si mesmo, que Trotsky diz que "serviu como um ministro". De um total de 562 delegados, o Comitê Executivo era composto por apenas 31 membros, dos quais 22 eram efetivamente trabalhadores delegados pela totalidade dos trabalhadores nas suas empresas e 9 representavam três partidos revolucionários (Mencheviques, Bolcheviques e Socialistas Revolucionários); no entanto, "os representantes dos partidos tinham apenas estatuto consultivo e não tinham direito a voto". Embora as assembleias de base fossem presumivelmente representadas fielmente pelos seus delegados revogáveis, é claro que esses delegados abdicaram de uma grande parte do seu poder, de uma forma muito parlamentarista, nas mãos de um Comitê Executivo em que o "consultores técnicos" dos partidos políticos tiveram uma influência enorme.

Como surgiu esse soviete? Parece que esta forma de organização foi descoberta por certos elementos politicamente conscientes entre os trabalhadores comuns, que na sua maioria pertenciam a uma ou outra fração socialista. Trotsky parece estar bastante injustificado ao escrever que "uma das duas organizações social-democratas em São Petersburgo tomou a iniciativa de criar uma administração operária revolucionária autônoma" (além disso, a "uma das duas" organizações que o fez pelo menos imediatamente reconhecer o significado desta iniciativa dos trabalhadores foram os Mencheviques, não os Bolcheviques). Mas a greve geral de Outubro de 1905 teve origem, de facto, primeiro em Moscovo, no dia 19 de Setembro, quando os tipógrafos da gráfica de Sytine entraram em greve, nomeadamente porque queriam que os sinais de pontuação fossem contados entre os 1000 caracteres que constituíam a sua unidade de pagamento. cinquenta gráficas os seguiram nessa greve e, em 25 de setembro, os tipógrafos de Moscou formaram um conselho. Em 3 de Outubro "a assembleia dos deputados operários dos tipógrafos, mecânicos, carpinteiros, trabalhadores do tabaco e outras categorias adotou a resolução para criar um conselho geral (soviete) dos trabalhadores de Moscou" (Trotsky, op. cit.). Percebe-se assim que esta forma surgiu espontaneamente no início do movimento grevista. E este movimento, que começou a retroceder nos dias seguintes, iria avançar novamente até à grande crise histórica, quando em 7 de Outubro os trabalhadores ferroviários, começando por Moscou, começaram espontaneamente a parar o tráfego ferroviário.

O movimento dos Conselhos em Turim de Março-Abril de 1920 originou-se entre o proletariado altamente concentrado das fábricas da Fiat. Durante Agosto e Setembro de 1919, novas eleições para uma "comissão interna" (uma espécie de comitê colaboracionista de fábrica criado por uma convenção coletiva em 1906 com o objetivo de melhor integrar os trabalhadores) de repente proporcionaram a oportunidade, no meio da crise social que então assolava Itália, para uma transformação completa do papel destes "comissários". Eles começaram a federar-se entre si como representantes diretos dos trabalhadores. Em Outubro, 30.000 trabalhadores estavam representados numa assembleia de "comitês executivos de conselhos de fábrica", que se assemelhava mais a uma assembleia de delegados sindicais (com um comissário eleito por cada oficina) do que a uma organização de conselhos em sentido estrito. Mas o exemplo, no entanto, funcionou como um catalisador e o movimento radicalizou-se, apoiado por uma fracção do Partido Socialista (incluindo Gramsci) que era maioria em Turim e pelos anarquistas de Piemonte (ver o panfleto de Pier Carlo Masini, *Anarchici e comunisti nel movimento dei Consigli a Torino*). O movimento sofreu resistência da maioria do Partido Socialista e pelos sindicatos. Em 15 de março de 1920, os conselhos iniciaram uma greve combinada com a ocupação das fábricas e retomaram a produção sob seu próprio controle. Em 14 de abril, a greve foi geral em Piemonte; e nos dias seguintes, se espalhou por grande parte do norte da Itália, especialmente entre os estivadores e os ferroviários. O governo teve que usar navios de guerra para desembarcar tropas em Gênova para marchar sobre Turim. Embora o programa conselhista fosse posteriormente aprovado pelo Congresso da União Anarquista Italiana quando se reuniu em Bolonha em 1º de julho, o Partido Socialista e os sindicatos conseguiram sabotar a greve mantendo-a isolada: quando Turim foi sitiada por 20.000 soldados e polícia, o jornal do partido Avanti recusou-se a publicar o apelo da seção socialista de Turim (ver Masini, op. cit.). A greve, que claramente teria tornado possível uma insurreição vitoriosa em todo o país, foi vencida em 24 de Abril. O que aconteceu a seguir é bem conhecido.[2]

[2] O que acontece depois: O golpe fascista de Mussolini (1922).

Apesar de certas características notavelmente avançadas desta experiência raramente mencionada (numerosos esquerdistas têm a impressão errada de que as ocupações de fábricas ocorreram pela primeira vez na França em 1936), deve notar-se que ela contém sérias ambiguidades, mesmo entre os seus partidários e teóricos. Gramsci escreveu em *Ordine Nuovo* (segundo ano, #4): "Vemos o conselho de fábrica como o início histórico de um processo que deve, em última análise, conduzir à fundação do Estado operário". Por seu lado, os anarquistas conselhistas foram limitados em suas críticas ao sindicalismo e afirmaram que os conselhos lhe dariam um impulso renovado.

No entanto, o manifesto divulgado pelos conselhistas de Turim em 27 de março de 1920, "Aos Trabalhadores e Camponeses de Toda a Itália", convocando um congresso geral dos conselhos (que nunca aconteceu), formula alguns pontos essenciais do programa dos Conselhos Operários: " A luta pela conquista deve ser travada com armas de conquista, e não mais apenas com armas de defesa (nota da IS: isto é dirigido aos sindicatos, que o manifesto descreve em outro lugar como "organismos de resistência... cristalizados na forma burocrática"). Uma nova organização deve ser desenvolvida como antagonista direta dos órgãos do governo patronal; para essa tarefa deve surgir espontaneamente no local de trabalho e unir todos os trabalhadores, porque todos eles, como produtores, estão sujeitos a uma autoridade que lhes é estranha (*estranea*) e devem libertar-se dela. . . Este é o início da liberdade para vós: o início de uma formação social que, ao expandir-se rápida e universalmente, vos colocará em posição de eliminar o explorador e o intermediário do campo econômico e de vos tornardes vós próprios os senhores — os senhores da vossa máquinas, do vosso trabalho e de vossa vida. . ."

A maioria dos Conselhos de Trabalhadores e Soldados na Alemanha de 1918–1919 foram dominados de forma mais grosseira pela burocracia social-democrata ou foram vítimas das suas manobras. Toleraram o governo "socialista" de Ebert, cujo principal apoio vinha do Estado-Maior e das Freikorps. Os "sete pontos de Hamburgo" (apelando à dissolução imediata do antigo Exército), apresentados por Dorrenbach e aprovados por larga maioria pelo Congresso dos Conselhos de Soldados que abriu a 16 de Dezembro em Berlim, não foram implementados pelos "Comissários do Povo". Os conselhos toleraram este desafio, e as eleições legislativas que foram rapidamente marcadas para 19 de janeiro; depois toleraram o ataque lançado contra os marinheiros de Dorrenbach; finalmente, toleraram o esmagamento da insurreição espartaquista nas vésperas dessas eleições.[3]

Em 1956, o Conselho Central de Trabalhadores da Grande Budapeste, constituído em 14 de Novembro e declarando-se determinado a defender o socialismo, exigiu "a retirada de todos os partidos políticos das fábricas", ao mesmo tempo que se pronunciava a favor do regresso de Nagy ao poder e da liberdade eleições dentro de pouco tempo. É verdade que isto ocorreu durante o período em que continuava a greve geral, apesar de as tropas russas já terem esmagado a resistência armada. Mas mesmo antes da segunda intervenção russa, os conselhos húngaros tinham convocado eleições parlamentares: isto é, eles próprios procuravam regressar a uma situação de duplo poder numa altura em que eram de fato, face aos russos, os único poder real na Hungria.[4]

A consciência do que é e o que deve ser o poder dos conselhos surge da própria prática desse poder. Mas numa fase embaraçada desse poder, pode ser muito diferente do que pensa um ou outro membro isolado de um conselho, ou mesmo de um conselho inteiro. A ideologia opõe-se à verdade em atos cujo campo é o sistema de conselhos; e tal ideologia se manifesta não só sob a forma de ideologias hostis, ou sob a forma de ideologias sobre os conselhos idealizadas por forças políticas que querem subjugá-los, mas também sob a forma de uma ideologia a favor do poder dos conselhos que restringe e reifica sua teoria e prática totais. Um conselhismo puro revelar-se-á inevitavelmente inimigo da realidade dos conselhos. Existe o risco de que tal ideologia, formulada de forma mais ou menos consistente, seja suportada por organizações revolucionárias que são, em princípio, a favor do poder dos conselhos. Este poder, que é ele próprio a organização da sociedade revolucionária e cuja coerência é objetivamente determinada pelas necessidades práticas desta tarefa histórica entendida como um todo, não pode em caso algum escapar ao problema prático colocado por organizações de especialistas que, sejam inimigas dos conselhos ou mais ou menos genuinamente a seu favor, interferirá inevitavelmente no seu funcionamento. As massas organizadas em conselhos devem estar conscientes deste problema e superá-lo. É aqui que a teoria

[3] Freikorps: Unidades paramilitares de direita, usadas para reprimir movimentos radicais em consequência da Primeira Guerra Mundial.

[4] Sobre a Revolução Húngara, ver *Hungary '56* de Andy Anderson.

conselhista e a existência de organizações autenticamente conselhistas assumem grande importância. Neles já aparecem alguns pontos essenciais que estarão em jogo nos conselhos e na sua própria interação com os conselhos.

Toda a história revolucionária mostra o papel desempenhado no fracasso dos conselhos pela emergência de uma ideologia conselhista. A facilidade com que a organização espontânea do proletariado em luta obtém as suas primeiras vitórias é muitas vezes o prelúdio de uma segunda fase em que a contra-revolução funciona a partir de dentro, em que o movimento abandona a sua realidade para perseguir a ilusão que equivale a sua derrota. O conselhismo é a respiração artificial que revive o velho mundo.

Os sociais-democratas e os bolcheviques estão de acordo em querer ver nos conselhos apenas um órgão auxiliar do partido e do Estado. Em 1902, Kautsky, preocupado porque os sindicatos estavam a ficar desacreditados aos olhos dos trabalhadores, queria que os trabalhadores de certos ramos da indústria elegessem "delegados que formariam uma espécie de parlamento destinado a regular o seu trabalho e a vigiar a administração burocrática" (A Revolução Social). A ideia de um sistema hierarquizado de representação dos trabalhadores culminando num parlamento seria implementada de forma mais convincente por Ebert, Noske e Scheidemann.[5] A forma como este tipo de conselhismo trata os conselhos foi definitivamente demonstrada — para qualquer um que não tem merda na cabeça- já em 9 de Novembro de 1918, quando os sociais-democratas combateram a organização espontânea dos conselhos no seu próprio terreno, fundando nos escritórios de Vorwärts um "Conselho dos Trabalhadores e Soldados de Berlim" composto por 12 trabalhadores leais de fábrica juntamente com alguns líderes e funcionários sociais-democratas.

O conselhismo bolchevique não é nem a ingenuidade de Kautsky nem a crueza de Ebert. Nasce da base mais radical — "Todo o poder aos sovietes" — e aterra no outro lado de Kronstadt. Nas Tarefas Imediatas do Governo Soviético (Abril de 1918) Lenin acrescenta enzimas ao detergente de Kautsky: "Mesmo nas repúblicas capitalistas mais democráticas do mundo, os pobres nunca consideram o parlamento burguês como a 'sua' instituição. . . É a proximidade dos Sovietes ao "povo", aos trabalhadores, que cria as formas especiais de revogação e outros meios de controle a partir de baixo que devem agora ser desenvolvidos com maior zelo. Por exemplo, os Conselhos de Educação Pública — conferências periódicas dos eleitores soviéticos e dos seus delegados convocados para discutir e controlar as atividades das autoridades soviéticas neste domínio — merecem a nossa total simpatia e apoio. Nada poderia ser mais tolo do que transformar os sovietes em algo congelado e autossuficiente. Quanto mais resolutamente tivermos de defender um governo impiedosamente firme, a favor da ditadura dos indivíduos em certos processos de trabalho e em certos aspectos das funções puramente executivas, mais variadas deverão ser as formas e os métodos de controle a partir de baixo, a fim de contrariar a menor indício de qualquer distorção potencial dos princípios do governo soviético, a fim de eliminar incansavelmente e repetidamente a burocracia." Para Lenin, então, os conselhos, tal como as instituições de caridade, deveriam tornar-se grupos de pressão que corrigissem a inevitável burocratização das funções políticas e econômicas do Estado, respectivamente geridas pelo Partido e pelos sindicatos. Os conselhos são um componente social que, tal como a alma de Descartes, tem de estar preso em algum lugar.

O próprio Gramsci apenas limpa Lenin num banho de sutilezas democráticas: "Os comissários de fábrica são os únicos verdadeiros representantes sociais (econômicos e políticos) da classe trabalhadora porque são eleitos sob sufrágio universal por todos os trabalhadores no próprio local de trabalho. Nos diferentes níveis da sua hierarquia, os comissários representam o sindicato de todos os trabalhadores nos vários níveis das unidades de produção (grupo de trabalho, departamento de fábrica, sindicato de fábricas numa indústria, sindicato de empresas numa cidade, sindicato de unidades de produção de máquinas mecânicas e indústrias agrícolas num distrito, numa província, numa região, na nação, no mundo) esses conselhos e sistema de conselhos representam o governo e a gestão da sociedade" (artigo na *Ordine Nuovo*). Uma vez que os conselhos foram reduzidos a fragmentos econômico-sociais que preparam o caminho para uma "futura república soviética", é evidente que o Partido, esse "Príncipe Moderno", aparece como a mediação política indispensável, como o *deus ex machina* preexistente que toma cuidado para garantir a sua existência futura: "O Partido Comunista é o instrumento e a forma histórica do processo de libertação interna graças ao qual os trabalhadores, de executantes tornam-se iniciadores, de

[5] Ebert, Noske, Scheidemann: Líderes "Socialistas" que esmagaram a Revolução Alemã.

massas tornam-se líderes e guias, de músculos são transformados em mentes e vontades" (*Ordine Nuovo*, 1919). A melodia pode mudar, mas a canção do conselhismo continua a mesma: Conselhos, Partido, Estado. Tratar os conselhos de forma fragmentada (poder econômico, poder social, poder político), como faz o cretinismo conselhista do grupo *Révolution Internationale de Toulouse*, é como pensar que, ao apertarem sua bunda com força, você só ficará chateado pela metade.

Depois de 1918, o Austro-Marxismo também construiu uma ideologia conselhista própria, de acordo com a lenta evolução reformista que defendia. Max Adler, por exemplo, no seu livro *Democracy and Workers Councils*, reconhece os conselhos como instrumentos de auto-educação dos trabalhadores que poderiam acabar com a separação entre os que dão ordens e os que recebem ordens e servir para formar um povo homogêneo capaz de implementar a democracia socialista. Mas ele também percebe que o fato de os conselhos de trabalhadores deterem algum poder não garante de forma alguma que tenham um objetivo revolucionário coerente: para isso, os trabalhadores membros dos conselhos devem querer explicitamente transformar a sociedade e realizar o socialismo. Mas uma vez que Adler é um teórico do contra-poder legalizado, isto é, de um absurdo que nunca será capaz de durar à medida que se aproxima gradualmente da consciência revolucionária e prepara prudentemente uma revolução para mais tarde, ele inevitavelmente ignora o único elemento realmente fundamental da auto-educação do proletariado: a própria revolução. Para substituir este terreno insubstituível de homogeneização proletária e este único modo de seleção para a própria formação dos conselhos, bem como para a formação de ideias e modos coerentes de atividade dentro dos conselhos, Adler chega ao ponto de imaginar que não há outro remédio do que esta regra incrivelmente idiota: "O direito de voto nas eleições para os conselhos de trabalhadores deve depender da adesão a uma organização socialista".

Deixando de lado as ideologias social-democratas ou bolcheviques sobre os conselhos, que de Berlim a Kronstadt sempre tiveram demais de um Noske ou um Trotsky, a própria ideologia conselhista, tal como se manifestou em organizações conselhistas passadas e em algumas atuais, sempre teve várias assembleias gerais e pouquíssimos mandatos imperativos. Todos os conselhos que existiram até agora, com exceção dos coletivos agrários de Aragão, viam-se simplesmente como "conselhos eleitos democraticamente", mesmo quando os momentos mais altos da sua prática, quando todas as decisões eram tomadas por assembleias gerais soberanas, mandatando delegados revogáveis , contradiz essa limitação.

Só a prática histórica, através da qual a classe trabalhadora deve descobrir e concretizar todas as suas possibilidades, indicará as formas organizacionais precisas do poder dos conselhos. Por outro lado, é tarefa imediata dos revolucionários determinar os princípios fundamentais das organizações conselhistas que vão surgir em cada país. Ao formular algumas hipóteses e relembrar as exigências fundamentais do movimento revolucionário, este artigo — que deverá ser seguido por outros — pretende iniciar um debate genuíno e igualitário. As únicas pessoas que serão excluídas deste debate serão aquelas que se recusam a colocar o problema nestes termos, aquelas que em nome de algum espontaneísmo sub-anarquista proclamam a sua oposição a qualquer forma de organização, e que apenas reproduzem os defeitos e a confusão do antigo movimento — místicos da não-organização, trabalhadores desencorajados por terem estado misturados com seitas trotskistas durante demasiado tempo, estudantes presos no seu empobrecimento que são incapazes de escapar aos esquemas organizacionais de tipo bolchevique. Os situacionistas são obviamente partidários da organização — a existência da organização situacionista testemunha isso. Aqueles que anunciam a sua concordância com as nossas teses enquanto atribuem à IS um vago espontaneísmo simplesmente não sabem ler.

A organização é indispensável justamente porque não é tudo e não permite que tudo seja salvo ou conquistado. Ao contrário do que disse o açougueiro Noske (em Von Kiel bis Kapp) sobre os acontecimentos de 6 de janeiro de 1919, as massas não deixaram de se tornar "donas de Berlim ao meio-dia daquele dia" porque tinham "finos faladores" ao invés de "líderes determinados" mas porque a forma de organização autônoma dos conselhos de fábrica ainda não tinha atingido um nível de autonomia suficiente para que pudessem agir dispensando "líderes determinados" e organizações separadas para gerir as suas associações. O vergonhoso exemplo de Barcelona em Maio de 1937 é outra prova disso: o fato de as armas terem sido trazidas tão rapidamente em resposta à provocação estalinista diz muito sobre a imensa capacidade de autonomia das massas catalãs; mas o fato de a ordem de rendição emitida pelos ministros anarquistas ter sido obedecida tão rapidamente demonstra quanta autonomia para a vitória

ainda lhes faltava. Amanhã novamente será o grau de autonomia dos trabalhadores que decidirá o nosso destino.

As organizações conselhistas que se formarão não deixarão, portanto, de reconhecer e de se apropriar, como mínimo, da Definição Mínima de Organizações Revolucionárias adoptada pela 7ª Conferência da IS (ver *Internationale Situationniste #11*). Dado que a sua tarefa será trabalhar para o poder dos conselhos, o que é incompatível com qualquer outra forma de poder, eles estarão conscientes de que um acordo meramente abstrato com esta definição os condena à inexistência; é por isso que o seu verdadeiro acordo será demonstrado na prática nas relações não hierárquicas dentro dos seus grupos ou seções; nas relações entre estes grupos e com outros grupos ou organizações autônomas; no desenvolvimento da teoria revolucionária e de uma crítica integral da sociedade dominante; e na crítica contínua de sua própria prática. Mantendo um programa e uma prática unitários, recusarão a antiga divisão do movimento operário em organizações separadas (ou seja, partidos e sindicatos). Apesar da bela história dos conselhos, todas as organizações conselhistas do passado que desempenharam um papel significativo nas lutas de classes aceitaram a separação em setores políticos, econômicos e sociais. Um dos poucos partidos antigos que vale a pena analisar, o *Kommunistische Arbeiter Partei Deutschlands* (KAPD, Partido Comunista Alemão dos Trabalhadores), adoptou um programa conselhista, mas atribuindo a si mesmo como únicas tarefas essenciais a propaganda e a discussão teórica — "a educação política das massas "- deixou o papel de federar as organizações revolucionárias de fábrica para a *Allgemeine Arbeiter Union Deutschlands* (AAUD, União Geral dos Trabalhadores da Alemanha), um esquema não muito longe do sindicalismo tradicional. Embora o KAPD tenha rejeitado a ideia leninista do partido de massas, juntamente com o parlamentarismo e o sindicalismo do KPD (*Kommunistische Partei Deutschlands* — Partido Comunista Alemão), e preferido agrupar trabalhadores politicamente conscientes, permaneceu, no entanto, ligado ao antigo modelo hierárquico do partido de vanguarda: profissionais da Revolução e propagandistas assalariados. A rejeição deste modelo (em particular, a rejeição da prática de separar a organização política das organizações revolucionárias de fábrica) levou, em 1920, à secessão de alguns dos membros da AAUD, que então formaram a AAUD-E (o 'E' para *Einheitsorganisation* — Organização Unificada). Através do próprio funcionamento da sua democracia interna, a nova organização unitária pretendia realizar o trabalho educativo que até então tinha sido confiado ao KAPD, e simultaneamente atribuiu-se a tarefa de coordenar as lutas: as organizações de fábrica que ela federou deveriam transformar-se em conselhos no momento revolucionário e assumir a gestão da sociedade. Aqui, novamente, a palavra de ordem moderna dos conselhos de trabalhadores ainda estava misturada com memórias messiânicas do antigo sindicalismo revolucionário: as organizações de fábrica tornar-se-iam magicamente conselhos quando todos os trabalhadores participassem neles.

Tudo isso levou para onde iriam. Após o esmagamento da insurreição de 1921 e a repressão do movimento, um grande número de trabalhadores, desanimados pela perspectiva minguante da revolução, abandonaram a luta nas fábricas. A AAUD era apenas outro nome para o KAPD, e a AAUD-E viu a revolução recuar tão rapidamente quanto o seu número de membros diminuiu. Já não eram mais do que portadores de uma ideologia conselhista cada vez mais desligada da realidade.

A evolução do KAPD para o terrorismo e o crescente envolvimento da AAUD em questões do "pão de cada dia" levaram à divisão entre a organização fabril e o seu partido em 1929. Em 1931, os cadáveres da AAUD e da AAUD-E pateticamente e sem qualquer ressoar ou bases explícitas fundiram-se diante da ascensão do nazismo. Os elementos revolucionários das duas organizações reagruparam-se para formar a KAUD (*Kommunistische Arbeiter Union Deutschlands* — União dos Trabalhadores Comunistas Alemães). Uma organização conscientemente minoritária, a KAUD foi também a única em todo o movimento pelos conselhos na Alemanha que não pretendia assumir a futura organização econômica (ou econômico-política como no caso da AAUD-E) da sociedade. Apelou aos trabalhadores para formarem grupos autônomos e para cuidarem eles mesmos das associações entre esses grupos. Mas na Alemanha a KAUD chegou tarde demais; em 1931, o movimento revolucionário estava morto há quase dez anos.

Pelo menos para fazê-los chorar, lembremos aos imbecis devotos da rivalidade anarquista-marxista [6] que a CNT-FAI — com o seu peso morto de ideologia anarquista, mas também com a sua maior prática de imaginação libertária — era semelhante ao KAPD-AAUD marxista em seus arranjos organizacionais. Da mesma forma que o Partido Comunista dos Trabalhadores Alemães, a Federação Anarquista Ibérica via-se como a organização política dos trabalhadores espanhóis conscientes, enquanto a sua AAUD, a CNT, deveria assumir o comando da gestão da sociedade futura. Os militantes da FAI, a elite do proletariado, propagaram a ideia anarquista entre as massas; a CNT fez o trabalho prático de organizar os trabalhadores nos seus sindicatos. Havia, porém, duas diferenças essenciais, a ideológica das quais deveria produzir os frutos que dela se poderia esperar. A primeira foi que a FAI não se esforçou para tomar o poder, mas contentou-se em influenciar as políticas globais da CNT. A segunda foi que a CNT representava realmente a classe trabalhadora espanhola. Adotado em 1º de maio de 1936 no congresso da CNT em Saragoça, dois meses antes da explosão revolucionária, um dos mais belos programas já proclamados por uma organização revolucionária foi parcialmente posto em prática pelas massas anarco-sindicalistas, enquanto seus líderes naufragavam no ministerialismo e na colaboração de classe. Com os cafetões das massas, García Oliver, Secundo Blanco, etc., e a dona de bordel Montseny, o movimento libertário antiestatal, que já havia tolerado o príncipe anarco-trincheirista Kropotkin, finalmente alcançou a consumação histórica de seu absolutismo ideológico: anarquistas do governo.[7] Na última batalha histórica que travou, o anarquismo veria cair na sua cara todo o molho ideológico que compunha o seu ser: Estado, Liberdade, Indivíduo e outros ingredientes bolorentos com letras maiúsculas; enquanto os milicianos, trabalhadores e camponeses libertários salvavam a sua honra, dando a maior contribuição prática de sempre ao movimento proletário internacional, queimando igrejas, lutando em todas as frentes contra a burguesia, o fascismo e o estalinismo, e começando a criar uma sociedade verdadeiramente comunista.

Algumas organizações atuais fingem astuciosamente que não existem. Isto permite-lhes evitar a preocupação com o menor esclarecimento das bases sobre as quais reúnem qualquer grupo de pessoas (enquanto magicamente os rotulam como "trabalhadores"); evitar dar aos seus semi-membros qualquer explicação sobre a liderança informal que detém os controles; e denunciar impensadamente qualquer expressão teórica e qualquer outra forma de organização como automaticamente má e prejudicial. Assim escreve o grupo *Informations, Correspondance Ouvrières* num boletim recente (ICO #84, Agosto de 1969): "Os conselhos são a transformação de comitês de greve sob a influência da própria situação e em resposta às próprias necessidades da luta, dentro do próprio contexto dialético dessa luta. Qualquer outra tentativa, em qualquer momento da luta, de declarar a necessidade de criação de conselhos de trabalhadores revela uma ideologia conselhista tal como pode ser vista de diversas formas em certos sindicatos, no PSU, ou entre os situacionistas. O próprio conceito de conselho exclui qualquer ideologia". Estes indivíduos claramente não sabem nada sobre ideologia — a sua própria ideologia distingue-se das ideologias mais plenamente desenvolvidas apenas pelo seu ecletismo covarde. Mas ouviram (talvez de Marx, talvez apenas da IS) que a ideologia se tornou uma coisa má. Aproveitam-se disso para tentar fazer acreditar que qualquer trabalho teórico — que evitam como se fosse um pecado — é uma ideologia, entre os situacionistas exatamente como no PSU. Mas o seu galante recurso à "dialética" e ao "conceito" que agora acrescentaram ao seu vocabulário não os salva de forma alguma de uma ideologia imbecil da qual a citação acima por si só é prova suficiente. Se idealisticamente confiarmos no "conceito" de conselho ou, o que é ainda mais eufórico, na inatividade prática da OIC, para "excluir toda ideologia" nos conselhos reais, devemos esperar o pior — vimos que a experiência histórica justifica não ter tanto otimismo a esse respeito. A substituição da forma primitiva de conselho só pode vir de lutas que se tornem mais conscientes e de lutas por mais consciência. A imagem mecanicista da OIC da resposta automática perfeita do comitê de greve às "necessidades", que apresenta o conselho como automaticamente surgindo no momento apropriado, desde que não se fale sobre ele, ignora completamente a experiência das revoluções do nosso século, o que mostra que "a própria situação" está tão pronta a esmagar os conselhos, ou a permitir que sejam manipulados e cooptados, como a dar-lhes origem.

[6] Rivalidade Anarco-Marxista: Ver *A Sociedade do Espetáculo* na página #91. Nesse mesmo livro, Debord examina os méritos e defeitos do Anarquismo (#92–94), das teorias de Marx (#78–89), e das várias linhas do "Marxismo" (#95–113).

[7] Olivier, Blanco, Montseny: líderes anarquistas que se tornaram ministros no governo da Frente Popular durante a guerra civil espanhola. Anarcho-trincheiristas: Kropotkin e outros anarquistas que apoiaram a Primeira Guerra Mundial.

Vamos deixar essa ideologia contemplativa, essa caricatura patética das ciências naturais que nos faria observar a emergência de uma revolução proletária quase como se fosse uma erupção solar. Serão formadas organizações conselhistas, embora devam ser exatamente o contrário dos estados-maiores que fariam com que os conselhos se levantassem em ordem. Apesar do novo período de crise social aberta em que entramos desde o movimento de ocupações, e da proliferação de situações encorajadoras aqui e ali, da Itália à URSS, é bastante provável que organizações conselhistas genuínas ainda demorem muito tempo a formar-se. e que outras situações revolucionárias importantes ocorrerão antes que tais organizações estejam em posição de intervir nelas a um nível significativo. Não se deve brincar com a organização conselhista criando ou apoiando paródias prematuras dela. Mas os conselhos certamente terão maiores chances de se manterem como poder único se contiverem conselhistas conscientes e se houver uma real apropriação da teoria conselhista.

Em contraste com o conselho como unidade básica permanente (criando e modificando incessantemente conselhos de delegados dele emanados), como a assembleia em que se reúnem todos os trabalhadores de uma empresa (conselhos de oficina e de fábrica) e todos os habitantes de um distrito urbano que tenham mobilizados à revolução (conselhos de rua, conselhos de bairro) devem participar, uma organização conselhista, para garantir a sua coerência e o autêntico funcionamento da sua democracia interna, deve escolher os seus membros de acordo com o que explicitamente querem e o que realmente podem fazer . Quanto aos conselhos, a sua coerência é garantida pelo simples facto de serem o único poder; que eles eliminem todos os outros poderes e decidam tudo. Esta experiência prática é o terreno onde as pessoas aprendem a tornar-se conscientes da sua própria ação, onde "realizam a filosofia". Escusado será dizer que as suas maiorias também correm o risco de cometer muitos erros momentâneos e de não terem tempo ou meios para os corrigir. Mas sabem que o seu destino é o produto das suas próprias decisões e que serão destruídos pelas repercussões de quaisquer erros que não corrijam.

Nas organizações conselhistas, a verdadeira igualdade de todos na tomada de decisões e na sua execução não será um slogan vazio ou uma exigência abstrata. É claro que nem todos os membros de uma organização terão os mesmos talentos (é óbvio, por exemplo, que um trabalhador escreverá invariavelmente melhor que um estudante). Mas porque no seu conjunto a organização terá todos os talentos de que necessita, nenhuma hierarquia de talentos individuais poderá minar a sua democracia. Não é nem a adesão a uma organização conselhista nem a proclamação de um ideal de igualdade que permitirá a todos os seus membros serem bonitos e inteligentes e viverem bem; mas apenas as suas reais aptidões para se tornarem mais bonitos e mais inteligentes e para viverem melhor, desenvolvendo-se livremente no único jogo prazeroso: a destruição do velho mundo.

Nos movimentos sociais que vão se espalhar, os conselhistas se recusarão a deixar-se eleger para os comitês de greve. Pelo contrário, a sua tarefa será agir de forma a encorajar a auto-organização dos trabalhadores de base em assembleias gerais que decidam como a luta é conduzida. Será necessário começar a compreender que o apelo absurdo a um "comitê central de greve" proposto por alguns indivíduos ingênuos durante o movimento de ocupação de Maio de 1968 teria, se tivesse tido sucesso, sabotado o movimento em direção à autonomia das massas ainda mais rapidamente do que realmente aconteceu, já que quase todos os comitês de greve eram controlados pelos estalinistas.

Dado que não nos cabe fazer um plano para sempre, e que um passo em frente no movimento real dos conselhos valerá mais do que uma dezena de programas conselhistas, é difícil formular hipóteses precisas sobre a relação das organizações conselhistas com os conselhos durante uma situação revolucionária. Uma organização conselhista –autoconsciente de estar separada do proletariado — deve deixar de existir como organização separada no momento em que abole as separações; e terá de o fazer mesmo que a total liberdade de associação garantida pelo poder dos conselhos permita a sobrevivência de vários partidos e organizações inimigas deste poder. Pode-se duvidar, no entanto, que seja viável dissolver imediatamente todas as organizações conselhistas no mesmo instante em que os conselhos aparecem pela primeira vez, como desejava Pannekoek [8]. Os conselhistas deveriam falar de fato como conselhistas dentro do conselho, em vez de encenar uma dissolução exemplar das suas organizações apenas para as reagrupar lateralmente e exercer políticas de pressão de grupo na assembleia geral. Desta forma, será mais fácil e

[8] Anton Pannekoek, autor de *Os Conselhos Operários*, trabalho clássico sobre esse tema. Ver também *A Sociedade do Espetáculo* #116–119.

legítimo para eles combater e denunciar a inevitável presença de burocratas, espiões e ex-grevistas que se infiltrarão aqui e ali. Terão também de lutar contra conselhos falsos ou fundamentalmente reacionários (por exemplo, conselhos de polícia) que não deixarão de aparecer. Eles agirão de tal forma que o poder unificado dos conselhos não reconheça tais órgãos ou seus delegados. Porque a infiltração de outras organizações é exatamente o contrário dos fins que perseguem, e porque recusam qualquer incoerência dentro de si, as organizações conselhistas proibirão qualquer dupla filiação. Como dissemos, devem participar no conselho todos os trabalhadores de uma fábrica, ou pelo menos todos aqueles que aceitam as regras do seu jogo. A solução para o problema de aceitar ou não a participação no conselho "daqueles que ontem tiveram de ser expulsos da fábrica sob a mira de uma arma" (Barth) [9] só será encontrada na prática.

Em última análise, uma organização conselhista sobreviverá ou cairá apenas pela coerência da sua teoria e ação e pela sua luta pela completa eliminação de todo o poder que permaneça externo aos conselhos ou que tente tornar-se independente deles. Mas para simplificar desde já a discussão, recusando sequer levar em consideração uma massa de pseudo-organizações conselhistas que podem ser simuladas por estudantes ou militantes profissionais obsessivos, digamos que não nos parece que uma organização possa ser reconhecida como conselhista se não for composta por pelo menos 2/3 de trabalhadores. Como esta proporção pode passar por uma concessão, acrescentemos que nos parece indispensável corrigi-la com este aditamento: em todas as delegações às conferências centrais em que possam ser tomadas decisões que não tenham sido previamente previstas por mandatos imperativos, os trabalhadores devem representam 3/4 dos participantes. Em suma, a proporção inversa dos primeiros congressos do "Partido Operário Social-Democrata Russo".

É sabido que não temos nenhuma inclinação para qualquer forma de obreirismo. As considerações anteriores referem-se aos trabalhadores que "se tornaram dialéticos", pois deverão tornar-se em massa no exercício do poder dos conselhos. Mas, por um lado, os trabalhadores continuam a ser a força central capaz de paralisar o funcionamento existente da sociedade e a força indispensável para reinventar todas as suas bases. Por outro lado, embora uma organização conselhista não deva obviamente separar de si outras categorias de assalariados, nomeadamente intelectuais, é em qualquer caso importante que a importância duvidosa que estes últimos podem assumir seja severamente restringida: não apenas verificando, considerando todos os aspectos das suas vidas, que tais intelectuais são realmente revolucionários conselhistas, mas também cuidando para que haja o menor número possível deles na organização.

Uma organização conselhista não consentirá em falar em termos iguais com outras organizações, a menos que sejam elas partidárias consistentes da autonomia proletária; tal como os conselhos não só terão de se libertar das garras dos partidos e sindicatos, mas também devem rejeitar qualquer tendência que pretenda classificá-los numa posição limitada e negociar com eles como um poder para outro. Os conselhos são o único poder ou não são nada. Os meios para a sua vitória já são a sua vitória. Com a alavanca dos conselhos mais o fulcro da negação total da sociedade espetacular-mercantil, O Planeta pode ser erguido.

A vitória dos conselhos não é o fim da revolução, mas o seu início.

NOTAS DE TRADUÇÃO DA VERSÃO EM LÍNGUA INGLESA:

***algumas obras citadas aqui como referência tiveram seu título traduzido para o português, especialmente para que se estimule a procura e leitura das mesmas.**

Algumas obras aparentemente inéditas na nossa língua, foram deixadas com seu título original em inglês. Não é do nosso conhecimento se todas as obras mantidas em inglês são inéditas no nosso país ou em nossa língua. Tal pesquisa demandaria muito trabalho desnecessário.

Sobre a revolução russa de 1917 em geral, vale a pena ler *História da Revolução Russa*, de Trotsky, mas deveria ser complementado com *A Revolução Desconhecida*, de Voline e o *Bolcheviques e o Poder Operário*: 1917–1921, de Maurice Brinton (incluído na recente coleção de Obras de Brinton, *For Workers Power*). Para um relato mais pessoal, em primeira mão, do mesmo período, veja *Minha Desilusão na Rússia*, de Emma Goldman.

[9] Barth: Provavelmente Emil Barth, Socialista alemão independente que por pouco tempo foi membro do governo "Socialista" de 1918 antes de renunciar em protesto as ações contrarevolucionárias desse governo.

Sobre o movimento Italiano, ver Paolo Spriano, *The Occupation of the Factories: Italy 1920*.Para um histórico mais detalhado, ver Gwyn A. William: *Proletarian Order: Antonio Gramsci, Factory Councils and the Origins of Communism in Italy*, 1911–1921.

Sobre a Revolução Alemã, ver Richard M. Watt: *The Kings Depart: Versailles and the German Revolution* ou A.J. Ryder- *The German Revolution: 1918–1919*.

Os melhores panoramas gerais sobre a Revolução Espanhola são Burnett Bolloten: *The Spanish Civil War* and Pierre Broué and Emile Témime *Revolution and the War in Spain*. Alguns bons relatos de primeira mão são: George Orwell *Romagem a Catalunha*, Franz Borkenau: *The Spanish Cockpit*, Mary Low and Juan Breá *Red Spanish Notebook*. Outros livros que valem a pena ler incluem: Vernon Richards: *Lessons of the Spanish Revolution*, Murray Bookchin, *To Remember Spain*, Noam Chomsky, *Objectivity and Liberal Scholarship*, Gerald Brenan: *The Spanish Labyrinth*, Sam Dolgoff *As Coletivizações Anarquistas*, Abel Paz: *Durruti: The People Armed*, e Victor Alba e Stephen Schwartz: *Spanish Marxism versus Soviet Communism: A History of the P.O.U.M.*

Biblioteca Anarquista

René Riésel
Preliminares acerca dos Conselhos Operários e Organização Conselhista
1969

theanarchistlibrary.org
Tradução por Guilherme Henrique C. e Insubordinados!

bibliotecaanarquista.org